

II

Mas o Tempo exclamou: — Ergue-te e lida!...
 Sou o pajem divino que te exorta
 A seguir para os Céus, de porta em porta,
 Amparando-te os passos na subida...

Eras apenas larva indefinida
 Quando arranquei-te à treva fria e morta.
 Desde então, sou a luz que te transporta,
 De forma em forma, para a Grande Vida.

Dou-te alegria e dor, miséria e glória,
 Para que guardes, puro, na memória,
 O amor de Deus que, em tudo, anda disperso...

Louva o trabalho que te imponho aos dias.
 Sem meus braços irmãos não passarias
 De um verme preso às furnas do Universo.

ANTERO DE QUENTAL

O homem e o tempo

Terminávamos as nossas atividades na noite de 5 de Janeiro de 1956, quando fomos tomados de grande alegria. Pela primeira vez em nossa casa, compareceu o grande poeta português Antero de Quental à manifestação psicofônica, e, usando mímica e inflexão singularíssimas, ditou os dois sonetos intitulados "O Homem e o Tempo" que, ainda hoje, nos tocam profundamente a sensibilidade.

I

Disse o Homem ao Tempo: — O' gênio triste!
 Onde a tua caverna horrenda e escura?
 Porque trazes velhice e desventura
 A minha carne que te não resiste?

Abomino-te a clava estranha e dura
 Que dilacera tudo quanto existe!...
 Por que razão me segues, lança em riste,
 Estendendo-me as noites de amargura?

Porque fazes o riso envolto em pranto
 E derramas o fel do desencanto
 No doce vinho da felicidade?

Quem és tu? Monstro ou deus, arcanjo ou fera?
 Onde o ninho de sombra que te espera
 Nos remotos confins da Eternidade?!

